

A ADORAÇÃO AO PAI

Mateus 6.9

Introdução

Jesus se dirige a Deus e o chama de Pai. Ele ainda acrescenta a palavra “*nosso*”, a fim de mostrar a extensão da paternidade divina. Abba é um termo aramaico que, nos lábios de Jesus, exprime a familiaridade do Filho com o Pai (Mt 11.25-26; Mc 14.36; Jo 3.35; 5.19-20; 8.28-29, etc). Abba significa “*paizinho*”, denotando, assim uma íntima afeição, o que exclui a possibilidade de uma familiaridade superficial. Na realidade Abba era a primeira palavra da criança que estava aprendendo a falar. Portanto, era um termo infantil e familiar. Assim sendo, Jesus se dirige a Deus como uma criança do seu pai, com a mesma simplicidade íntima. Assim será na boca dos cristãos (Rm 8.15; Gl 4.6) aos quais o Espírito faz filhos de Deus (Jo 1.12; 3.3,6-8; 1 Jo 3.1,10).

O conceito de Deus como Pai está presente tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No Antigo Testamento a palavra Pai expressa a relação especial que existe entre Deus e seu povo Israel. Deus é descrito como Pai de Israel (Dt 7.6-8; 14.1 e 32.6; Sl 103.13, 14; Is 63.16; Jr 31.9, 20; Ml 2.10) devido ao fato de ter libertado o povo da escravidão e, como Pai, o ter conduzido à terra Prometida (Êx 4.22,23).

No Novo Testamento, Jesus usa o termo de modo singular e restritivo. De um lado, ensina algo completamente novo aos padrões vigentes, quando diz que os discípulos deveriam usar o termo Abba em suas orações. Em nenhum lugar na literatura das orações do judaísmo antigo, essa invocação de Deus como Abba é encontrada. Jesus, por outro lado, sempre a usou quando orava.

De outro lado, o Novo Testamento deixa claro que nem todos são filhos de Deus, pois apenas os seus verdadeiros discípulos podem se dirigir a Deus dessa maneira. Assim, ainda que a paternidade de Deus seja ensinada no Novo Testamento (Rm 1.7; 1 Co 1.3; 2 Co 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Cl 1.2; 1 Ts 1.1), ela é entendida como um ato gracioso de Deus para com aqueles que se encontravam num estado de morte espiritual e miséria (Ef 2.1) e foram regenerados tornando-se filhos adotivos de Deus por meio da obra de Jesus (Jo 1.11-12; 3.16; 1 Jo 3.1).

1. Adoramos ao Pai soberano, grandioso e poderoso

Quando Jesus começa a orar dizendo: “***Pai nosso que estás nos céus***”, com certeza ele reconhece a **soberania, o governo e a direção** de Deus que está no trono em sua glória e majestade.

O Pai é aquele que não apenas ama e cuida, mas que o dirige e governa.

Esta soberania aponta para um Deus que é o criador de todas as coisas. Todas as coisas foram feitas por ele, por meio de Jesus, para o louvor da sua glória.

Assim sendo, todos aqueles que oram o Pai Nosso devem se examinar, a fim de perceber se esta soberania é real em sua vida. Portanto, esta oração deve ser feita por cristãos membros de uma comunidade de salvos.

A expressão “***Pai que estás nos céus***”, pode nos ensinar o seguinte:

a) Deus tem o poder e o direito soberano para responder as orações

O objetivo de Jesus era ensinar aos discípulos que somente Deus tem o poder e o direito soberano para responder as orações, dispondo deles segundo a sua infinita sabedoria. Ele pode responder as orações porque é celestial, o que indica que está completamente acima da fragilidade humana. Sua resposta será sempre de acordo com

sua própria vontade soberana, o que nem sempre é compreensível para os seus filhos de imediato (1 Jo 5.14).

b) Lembrar que somos peregrinos na terra

Jesus queria lembrar os discípulos da sua verdadeira condição ou seja, de que são peregrinos na terra, já que seu verdadeiro lar é ao lado do Pai Celestial (Jo 14.1-6). O desejo de Jesus era ensinar que Deus quer que seus filhos estejam onde ele está (Sl 73.23-24; 116.15; Jo 17.24), portanto nunca devem esquecer que sua pátria é celestial (Fp 1.21-23; 3.20; Hb 11.16). E quando um dia estiveram diante de sua presença gloriosa se dirigirão a ele como Pai. No entanto, nesse dia não será necessário acrescentar a frase *“que estás nos céus”*, pois estarão na sua presença e viverão com ele para sempre (2 Tm 2.12; Ap 5.10; 21.1-3).

Quando é dito que Deus está *“nos céus”*, a ideia é que existe um plano diferente do nosso, mais do que um lugar diferente.

Devemos nos aproximar de Deus com toda a santa reverência e confiança. Ele é nosso Pai pessoal, santo, amoroso e poderoso. Aquilo que o seu amor indica, seu poder é capaz de realizar. É sempre sábio, antes de orarmos, passar um tempo lembrando que é aquele a quem estamos nos dirigindo.

2. Adoramos ao Pai porque somos seus filhos por adoção (Rm 8.15; Ef 1.5)

Biblicamente todos éramos filhos da ira e condenados à morte (Ef 2.3). Mas aconteceu uma mudança radical nesta situação. Deus nos escolheu e nos adotou, tornando-nos membros de sua família (Ef 1.3-7). Isso ocorre por meio da adoção (Rm 8.15).

A adoção revela os gloriosos benefícios de sermos membros da família de Deus:

a) Nós recebemos o nome do nosso Pai. Não somos mais estrangeiros, mas filhos.

b) Nós somos também herdeiros de Deus. Toda a infinita riqueza do nosso Pai nos pertence. A herança que os renascidos esperam está reservada nos céus (Rm 8.17; Cl 1.5; 1 Pe 1.4). É uma *“herança incorruptível”*, não pode ser poluída ou contaminada. A esperança certa do cristão é que nunca mais pecado ou Satanás nos arrastarão para o lodaçal da iniquidade e da culpa. Eternamente livres da mácula do pecado, brilharemos como as estrelas em incomparável glória (Dt 12.7, 10; Hb 4.8-11).

c) Nós também recebemos o selo e o penhor do Espírito Santo, garantias absolutas da nossa eterna redenção (2 Co 1.22; Ef 1.13; 4.30).

d) Nós somos irmãos de todos aqueles que em qualquer tempo e em todo lugar confessam Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Somos a maior e a mais bem-aventurada família da terra.

Desfrutemos de modo responsável desta adoção que nos insere na família de Deus, dando certeza de sermos chamados filhos de Deus e garantia de uma herança eterna (Jo 1.12).

3. Adoramos ao Pai e devemos imitá-los no viver diário

O filho sempre procura imitar o pai. O pai sempre é um referencial e um espelho para seu filho. Quando oramos *“Pai Nosso”* estamos assumindo a postura de filhos, e como tais devemos imitá-lo.

Na condição de filhos devemos imitar as virtudes do Pai. Vejamos algumas delas:

a) Amar e orar pelos próprios inimigos (Mt 5.43-48).

- b) Perdoar as ofensas dos inimigos (Mt 6.12-15).
- c) Perdoar de forma ilimitada (Mt 18.21-35).
- d) Andar em amor (Ef 4.32-5.2).

A grande verdade é que Deus, como Pai, quer que seus filhos, a quem ele ama, tenham o seu caráter. Vivam de modo a imitá-lo, procurando fazer tudo segundo o seu querer, conforme a sua vontade e para a sua glória. Paulo viveu desta forma e chegou a declarar: *“Sede meus imitadores, com também eu sou de Cristo”* (1 Co 11.1). O apóstolo falou aos efésios desta forma: *“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados”* (Ef 5.1).

4. Adoramos ao Pai e assim temos novo relacionamento com ele

A expressão “Pai nosso” determina o vigor desta oração e fala da beleza encontrada em uma família. Nenhuma outra religião no mundo inclui este conceito de felicidade, de alegria e de relacionamento entre Deus e o ser humano.

Segundo o reformador Martinho Lutero em seu livro O Pai Nosso, *“não pode haver entre todos os nomes um que nos relacione melhor com Deus que o nome de Pai”*.

Portanto, o que podemos aprender aqui é que Deus não é posse exclusiva de ninguém. Esta expressão Pai Nosso elimina o *“eu egoísta”*. Pois, a paternidade de Deus é a única base possível de fraternidade de todos as pessoas. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (1 Jo 1.1-4). Vamos manter a desfrutar desta comunhão de modo contínuo.

Conclusão

Não oração do Senhor aprendemos a nos dirigir a Deus como nosso Pai. Ele é verdadeiramente Pai daqueles que creram em Jesus Cristo. Devemos refletir sobre nossa condição espiritual para descobrir se de fato somos seus filhos. O conceito bíblico é diametralmente oposto ao conceito de ecumenismo. O ecumenismo ensina que todas as religiões são caminhos legítimos de chegar a Deus, pois ele está presente em todas as religiões. Ao homem cabe escolher a religião em que se sinta melhor. Porém, o ensinamento bíblico é totalmente oposto ao pensamento de nossa sociedade pós-moderna. Segundo a Bíblia, só em Jesus Cristo nos tornamos filhos de Deus.

Aplicação

Como podemos lidar com o fato de nos dirigirmos a Deus como Pai ao mesmo tempo em que reconhecemos que ele é o Senhor de todas as coisas? Qual o limite entre proximidade temor e tremor (Fp 2.12)? Como aplicar isso à oração?

Estudo bíblico ministrado pelo Rev. Paulo Gérson Uliano, dia 13/01/2019, na Primeira Igreja Presbiteriana de Indaiatuba